

Processo educativo na Universidade - Uma reflexão necessária

Autora : Profa. Loide Célia Brito Di Bernardo

Co-autor: Prof. Pascoal Di Bernardo Neto

Dentro do campo educacional, é possível identificar os que só tratam dos processos educativos pelos quais o ser humano foi passando ao longo dos tempos e os que mostram quais os fatores que contribuíram para que se vá formando a imagem-ideal de pessoa. Refere-se, por exemplo: na educação tradicionalista e, como o próprio termo indica, o processo educativo deveria limitar-se ao tradicional, entendido como a simples transmissão ou comunicação do patrimônio do passado ou a submissão acrítica a um modelo; ou deveria ser um processo educativo (isto dentro de cultura Grega) que vai desde uma educação que visa a cultura do espírito e do corpo (Homero) a um processo educativo que fosse orientado no sentido político-militar (Licurgo, Esparta) (Giles, 1983: 59, 60, 61, 63, 64).

Com estas observações pretendemos referir que a preocupação que temos hoje em relação ao processo educativo não se trata de um sentimento novo, mas sim de um sentimento renovado. No entanto, como não é possível ignorar que somos parte da história, não se pode deixar de levar em consideração alguns acontecimentos que consideramos importantes sobre a educação brasileira, e que supomos, ainda podem de alguma forma, ser encontrados fragmentos desses acontecimentos no processo educacional nas Universidades do Brasil. De acordo com o pensamento de Imbernón (2000: 17).

[...] quando se buscam alternativas para o futuro, não há outra saída a não ser relembrar um passado que, embora seja objeto de interpretação pessoal, em parte podemos afirmar que é um fato constatável, sobretudo nos aspectos que continuam vigentes e que se podem recuperar, modificar ou refutar.

A partir de 1988, com o fim da ditadura e com a redemocratização do país, o povo estava livre para pensar e refletir sobre o sistema educacional que reconduzisse o aluno, e os professores, à sua condição de seres que pensam,

que refletem, que fazem crítica, que crescem enquanto seres, e que, por isso, se tornam mais competentes para promover mudanças.

Como adotar uma prática docente que incentive as pessoas a terem um pensamento reflexivo e crítico? Como agir na prática docente para que os alunos reconheçam que possuem direitos, que são seres não apenas de produção, mas de transformação, de criação e relação e que têm direito à cidadania?

Como afirma Freitag (2007: 134), o “*elo mediador entre os impasses educacionais gerados no passado e as intenções e objetivos a serem realizados com o auxílio da educação no futuro*”. Encontramos nestas palavras da autora duas expressões que necessitam de alguma reflexão. Por um lado, temos a expressão: *impasses educacionais gerados no passado*. A outra expressão diz respeito às *intenções e objetivos a serem realizados com o auxílio da educação*. . A política educacional, nas palavras da autora (*ibidem*: 132), era a expressão da “*reordenação das formas de controle social e político*”. O que podemos deduzir deste contexto é que o Brasil esteve estagnado no aspecto educacional em virtude da forma como eram entendidos os objetivos educacionais.

Diante do exposto, como seria possível pensar uma educação universitária voltada para o desenvolvimento de **competências sociohumanizantes** (Di Bernardo, 2013) no momento atual?

Ao tratar sobre cidadania e direitos cívicos e sociais, Pintasilgo (1996: 27, in Pureza, 2011) afirma que os últimos 20 anos têm sido marcados por duas formas de evolução das sociedades: os direitos cívicos foram objeto de uma ação pertinaz de indivíduos, organizações e instituições internacionais, nomeadamente as Nações Unidas. O desmantelamento do mundo comunista veio reforçar a necessidade de estabelecer o pilar dos direitos civis em todos os continentes.

Em síntese, Pintasilgo (1972) afirma que não há hoje construção política possível – tanto a nível nacional como regional e mundial – sem a reformulação dos direitos cívicos e sociais na sua indivisibilidade e interdependência. “[...] *a grande empresa é mudar a vida*” (in Pureza, 2011: 27, 28). Esta autora, tecendo comentários sobre esta frase de Pintasilgo, observa que a mesma foi escrita num contexto antigo, porventura eterno e que se trata da questão

polêmica entre o que deve ser mudado primeiro: as estruturas ou as mentalidades.

Entretanto, após tantos anos de autoritarismo sobre o modelo educacional, a liberdade pode ser vista como algo estranho por não se saber: Como? Para quê? E quando fazer uso dela dentro de uma instituição de ensino.

Talvez, para alguns professores, a forma rígida que era imposta dentro da sala de aula até possa constituir-se em algo facilitador para a sua gestão da classe, onde possam ser exigidos alunos quietos (no sentido de serem passivos), não questionadores, e “receptores” do conteúdo a ser ministrado. Neste contexto, o aluno que pensa reflexivamente, que tem uma postura crítica, que questiona, pode constituir-se numa ameaça para o *status* do saber e do poder do professor pode ser um incômodo.

No entanto, enquanto professores, não podemos perder o foco de que a Universidade não existe para nós, mas para a sociedade. Assim sendo, consideramos que o estudante, enquanto ser humano em busca do “ser mais”, conforme defende Paulo Freire, deve ser preparado pelos professores com vista ao desenvolvimento de competências sociohumanizantes. Com tais competências, o estudante possuirá mais elementos não só para um desempenho profissional com qualidade, mas também para um existir consciente numa sociedade, sabendo-se com competência para promover melhorias para a sociedade e para o ser humano.

Neste sentido, Lucarelli (2004: 3) faz uma advertência, ao afirmar que, para que possa, de fato, fazer-se inovação, devemos, enquanto professores, estar atentos para que o passado não fique enraizado em nós, na nossa prática, impossibilitando-nos de sermos capazes de realizar uma análise crítica sobre as múltiplas *variáveis que afetam a prática*.

A autora observa ainda que, na literatura destas duas últimas décadas, veem sendo apontados pontos que são considerados negativos dentro de um processo educativo que estão assentes em modelos mais tradicionais, reprodutivistas e tecnicistas. Isto implica dizer que a educação está a exigir inovação.

Quando falamos em inovação, não significa dizer que estamos tratando de uma mudança qualquer, que aconteça sem que haja um caráter de

intencionalidade. Também não deve ser entendida como a criação de novas normas ou regras a serem seguidas, as quais possam fazer parte de um documento. Não é dar uma roupagem nova ao velho, isso poderá ser entendido como renovar e não inovar.

A este respeito, e tomando como suporte as análises dos trabalhos de Boaventura de Sousa Santos; Leite e Cunha, para Lucarelli (2009), a inovação expressa-se entre a regulação e a emancipação na Universidade do nosso tempo. Segundo Santos, afirma esta autora (Lucarelli, 2009: 61), a Universidade deve assumir que está em *uma “fase de transição paradigmática” da ciência moderna para um novo tipo de ciência com um “perfil vagamente visível, ainda sem denominação clara e que, designa como enquadrada na pós-modernidade, uma ciência que pode manifestar-se como ativa, autônoma e estrategicamente orientada a médio e longo prazo.*

Os docentes universitários possuem uma grande responsabilidade, dado ser de sua incumbência formar os profissionais que irão ingressar no mercado de trabalho, e também oferecer aos alunos uma formação enquanto seres humanos, onde possam ser desenvolvidas competências para a construção da vida social e política do seu grupo, da sua comunidade, da sua cultura. Assim sendo, não se pode continuar a entender que a nossa atividade, o nosso trabalho, enquanto docentes, se resume ou se limita a passar algumas poucas horas com os alunos, ministrando disciplina, normalmente fazendo uso de uma metodologia que, em última análise, se resume apenas a repassar, transmitir aos alunos informações, que nós, enquanto professores, possuímos sobre determinado conteúdo.

No entanto, o que se pode observar é que a literatura atual está mostrando que as Universidades estão passando por um momento de crise. Não existe uma causa única para esta crise, embora possam existir fatores que se tornem mais presentes em algumas Universidades e menos em outras.

[...]. *é muito arriscado traçar qualquer cenário seguro para as futuras transformações da universidade. Não há consensos razoavelmente estabelecidos sobre esse eixo universidade-sociedade. Uma universidade não está fora, separada, mas está dentro da tessitura complexa e contraditória da sociedade, em relações de mútuas interações.* (Dias Sobrinho, 2005: 164).

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Maria Isabel (1998) *O Professor Universitário na Transição de Paradigmas*. Araraquara: JM Editora.

DI BERNARDO, Loide C.B. (2013) O lugar das competências sociohumanizantes no ensino universitário - um estudo focado na visão de professores e de estudantes- Tese de Doutorado

DIAS SOBRINHO, José (2005) “Educação Superior, Globalização e Democratização. Qual Universidade?” *Revista Brasileira de Educação*, 28, Jan./Abr., 164-173.

FREIRE, Paulo (2005) *Pedagogia do Oprimido*. 40ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREITAG, Bárbara (2007) *Escola, Estado e Sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Centauro Editora.

GILES, Thomas Ranson (1983) *Filosofia e Educação*. São Paulo: EDU.

IMBERNÓN, F. (org.) (2000) *A Educação no Século XXI. Os Desafios do Futuro Imediato*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.

LEITE, Carlinda (2003) *Para uma Escola Curricularmente Inteligente*. Porto-Portugal: ASA Editora.

LUCARELLI, Elisa (1999) *Las Practicas Innovadoras em el Aula Universitaria: Incertidumbres y Certezas Actos de las Jornadas de Innovacion Pedagogica-Socializando las Experiencias del Aula Universitaria*. Bahia Blanca: Area de Ciencias de la Educación. Departamento de Humanidades. Universidad Nacional del Sul.

LUCARELLI, Elisa (2009) *Teoría y Práctica en la Universidad: La Innovación en las Aulas*. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores.

LUCARELLI, Elisa (2004) *Las Innovaciones en la Enseñanza ¿ Caminos Posibles hacia la Transformación de la Enseñanza en la Universidad?* 3as Jornadas de Innovación Pedagógica en el Aula Universitaria. Facultad de Filosofía y Letras-Universidad Nacional del Sur. Universidad de Buenos Aires.

PUREZA, José Manuel (2011) "Democracia, Direitos Cívicos e Sociais", in Fátima Grácio, *Cuidar a Democracia, Cuidar o Futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro nacional da Cultura. FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

SANTOS, Boaventura de Sousa e ALMEIDA FILHO, Naomar (2008) *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra. [On-line], <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>, 17/10/2011.